

Três leitoras brasileiras de Fernando Pessoa

Rodrigo Xavier*

Palavras-chave

Fernando Pessoa, Brasil, Cecília Meireles, Cleonice Berardinelli, Leyla Perrone-Moisés, *Livro do Desassossego*, *Poemas de Álvaro de Campos*.

Resumo

A apreensão da recepção de Fernando Pessoa no Brasil se apresenta como desafio não menos labiríntico do que a obra mesma do poeta. Esse artigo tem por objetivo investigar a recepção do poeta no Brasil a partir de um *corpus* deveras específico, circunscrito ao universo de leitura de três mulheres: Cecília Meireles, Cleonice Berardinelli e Leyla Perrone-Moisés, apresentando a recepção do poeta a partir de três perspectivas: a recepção poética, a recepção investigativa e a recepção ensaística.

Keywords

Fernando Pessoa, Brasil, Cecília Meireles, Cleonice Berardinelli, Leyla Perrone-Moisés, *Book of Disquiet*, *Poems by Álvaro de Campos*.

Abstract

The apprehension of Fernando Pessoa's reception in Brazil is a subject that presents itself a challenge no less labyrinthine than the poet's own work. This article aims to investigate the poet's reception in Brazil from a very specific corpus, circumscribed to the reading universe of three women: Cecília Meireles, Cleonice Berardinelli and Leyla Perrone-Moisés, that presents the poet's reception from three perspectives: the poetical reception, investigative reception, and the essayistic reception.

* Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de Literaturas Vernáculas, Cátedra Jorge de Sena para Estudos Luso-Afro-Brasileiros.

Sobre a “entrada” de Fernando Pessoa no Brasil

O tema “A recepção de Fernando Pessoa no Brasil”, tema geral que estimula a escritura desse artigo, é, *ab initio*, de difícil – para não dizer impossível – realização. Isto porque o nome Fernando Pessoa ecoa espalhado nas costas brasileiras, em especial na cidade do Rio de Janeiro, desde a década de 1910, quando ainda era praticamente desconhecido em sua terra natal, não fosse pelos artigos surgidos na revista *A Águia*¹. O professor Arnaldo Saraiva aponta para o fato de que a revista “tinha assinantes e leitores em várias cidades do Brasil” (SARAIVA, 2015: 2), por essa razão teriam os brasileiros, supostamente, tido um primeiro contato com Pessoa por volta de 1912. Essa hipótese ganharia força a partir do argumento que, para além da publicação, Luís de Montalvor, amigo de Fernando Pessoa desde 1914 e primeiro diretor da revista *Orpheu* (1915), viajara para o Brasil nesse mesmo ano (1912). Além disso, outros conhecidos de Pessoa visitariam o Brasil entre os anos 1910 e 1920, dentre eles, Fernando Correia Dias, Jaime Cortesão (a quem chama de amigo em carta a 22 de janeiro de 1913), António Ferro (citado por Pessoa em no seu diário em 26 de fevereiro, 16 e 30 de março de 1913, respectivamente) e Álvaro Pinto, com quem o escritor também trocava correspondências, e com quem mais tarde romperia, por conta da ruptura com o grupo da *Renascença*.

Partindo da data proposta por Saraiva, temos, pois uma investigação que abrangeria 107 anos de Fernando Pessoa no Brasil. Assim, seria imprescindível, antes de mais, classificar o que se poderia chamar de categorias de recepção, para vislumbrar alguma possibilidade de organização do trabalho. Fazendo, pois, um exercício de catalogação teríamos as seguintes categorias:

Ano de recepção no Brasil	Nacionalidade dos autores	Publicação	Material	Gênero	Meio
1912	Portuguesa	Portuguesa	Revista	Ensaio	Impresso
	Brasileira	Brasileira	Jornal	Artigo	Digital
			Livro	Capítulo	
			Tese	Poema	
			Dissertação	Narrativa	
			Separata	Drama	
			Anais	Edição organizada	
				Prefácio	
			Bibliografia	Colectânea	

¹ A revista portuense publicou em abril de 1912 o ensaio “A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada” (vol. I, 2.^a série, n.º 4). *A Águia* provavelmente chegou ao Brasil por intermédio das relações entre intelectuais portugueses e brasileiros, mediada em certa medida por nomes como Fernando Correia Dias, Ronald de Carvalho e Luiz de Montalvor, e pela assinatura da revista por alguns brasileiros, segundo Arnaldo Saraiva (SARAIVA, 2015: 2).

A partir dessas categorias seria possível propor uma divisão didática da recepção de Fernando Pessoa no Brasil da seguinte maneira:

- I. Textos de Fernando Pessoa que chegaram ao Brasil e contaram com recepção crítica em jornais e revistas. Há uma série de textos nesse sentido, sobretudo os publicados pelo crítico Tasso da Silveira a partir da década de 1930.²
- II. Textos de Fernando Pessoa que chegaram ao Brasil e foram editados, selecionados, ou organizados por brasileiros. A esse respeito, destaca-se o trabalho de Cleonice Berardinelli. Ainda que os seus trabalhos sobre Pessoa possam ser classificados como pertencentes à categoria descrita no item V desta lista, Cleonice foi certamente a primeira brasileira a editar textos pessoanos no Brasil. Essa categoria também inclui o trabalho de recepção da professora Leyla Perrone-Moisés, que editou no Brasil o *Livro do Desassossego*.
- III. Textos de Fernando Pessoa que chegaram ao Brasil e foram compilados em coletâneas com outros poetas portugueses. A primeira ocorrência é a coletânea organizada por Cecília Meireles, *Novos Poetas Portugueses* (1944).
- IV. Textos de caráter informativo, em que figura o nome Fernando Pessoa. Há ocorrências em diversos jornais e revistas brasileiros a partir de 1916.³
- V. Textos acadêmicos (teses de doutorado, dissertações de mestrado, teses de livre-docência). Tendo em conta apenas este tipo de textos (teses), os trabalhos chegam a somar um número acima de 500 entre os anos de 1958 e 2018.⁴
- VI. Textos de escritores brasileiros influenciados explicitamente por Fernando Pessoa. Seria precisa uma recolha de textos com marcas dessa influência explícita.⁵

² Importante mencionar a publicação de “Mar Portuguez” na edição de junho de 1926 do jornal carioca *Leitura para Todos*. É provavelmente a primeira publicação de poemas de Fernando Pessoa na imprensa brasileira.

³ Duas notas, publicadas no jornal carioca *Correio da Manhã* de 24 de maio e de 10 de junho de 1916, respectivamente, referem a publicação dos livros de C.W. Leadbeater (1847-1934) *Clairvoyance* (1889) e *A Textbook of Theosophy* (1912), traduzidos para português por Fernando Pessoa com os títulos de *Compendio de Theosophia* (1915) e *A Clarividência* (1916). Ver: LEADBEATER (1915) e (1916).

⁴ A CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e o CNPq (Conselho Nacional de Pesquisa Científica), órgãos brasileiros responsáveis pela divulgação da produção acadêmica no Brasil ainda não disponibilizaram em seus repositórios digitais os dados referentes ao ano de 2019.

⁵ Sob esse aspecto, poderíamos, por exemplo, apontar a influência direta de Fernando Pessoa na primeira fase da poesia de Carlos Drummond de Andrade (veja-se, por exemplo, *Sonetinho do Falso Fernando Pessoa*). Ora, também há os casos onde a influência se apresenta indiretamente. Por se tratar de uma questão de difícil abordagem, apontamos a necessidade de um artigo que se ocupe da

Fica evidente, portanto, a dificuldade natural de se produzir material sobre a recepção de Fernando Pessoa no Brasil sem que se caia inevitavelmente em armadilhas de delimitação possível (ou provável), arriscando-se a um esforço inócuo e demasiado faltante em diversas dimensões. Essa dificuldade, portanto, tornou-se a principal motivação de se ter optado pela presente delimitação da recepção de Fernando Pessoa no Brasil.

Estado da questão

Antes de prosseguir com a apresentação do tema, acredito ser importante resgatar uma breve memória sobre os textos mais contundentes publicados acerca da recepção de Fernando Pessoa no Brasil. Ratifico que não apresento aqui a memória da recepção de Fernando Pessoa no Brasil, outrossim a memória de textos que abordam a referida recepção.

O português Arnaldo Saraiva (1939-) é certamente o investigador que mais diretamente aborda a questão da recepção de Fernando Pessoa no Brasil, ainda que o escopo de sua investigação recaia sobre um intervalo delimitado de tempo, contemplando os anos de 1912 a 1944.

Em 10 de outubro de 1966, Saraiva publica o artigo “Fernando Pessoa e o Brasil”, no *Jornal de Letras e Artes* de Lisboa, artigo que será replicado pelo *Jornal do Brasil* em 20 de dezembro de 1969. O investigador apresentará uma versão mais acadêmica do seu artigo no livro *O Modernismo Brasileiro e o Modernismo Português* (1986), apontando novas direções da recepção – inclusive a recepção literária – e, mais recentemente, apresentaria uma versão mais didática e cronológica de seus estudos em *A entrada de Fernando Pessoa no Brasil* (2015).

João Alves das Neves (1927-2012), professor e investigador luso-brasileiro, dedicou-se ao tema da recepção de Pessoa no Brasil, fundando as revistas literárias e culturais *Portugalia*, *Comunidades de Língua Portuguesa* e *Arganila*, e presidindo o Centro de Estudos Americanos “Fernando Pessoa”. A revista *Comunidades de Língua Portuguesa* dedicou dois de seus números para os estudos sobre Fernando Pessoa no Brasil entre os anos de 1985 e 1986. Sistemáticamente, ainda que publicando textos não-inéditos, em sua maioria publicados nos anais do I Colóquio Luso-Brasileiro de Estudos Pessoaanos (4-5 de novembro de 1985), essa foi a primeira revista que apresenta um conjunto de textos dedicados ao tema da recepção do poeta no Brasil. É de João Alves das Neves a informação sobre o provável primeiro texto crítico publicado sobre Fernando Pessoa no Brasil, “O exemplo de Fernando Pessoa”, assinado por Adolfo Casais Monteiro (CASAIS MONTEIRO, 1938: s/p; ver Fig. 1).

recepção literária de Fernando Pessoa por poetas brasileiros e brasileiras, como é o caso do livro de Edson Nery da Fonseca (1985). *Três poetas brasileiros apaixonados por Fernando Pessoa*. Textos de Cecília Meireles, Murilo Mendes e Lúcio Cardoso. Recife: Fundação Joaquim Nabuco.

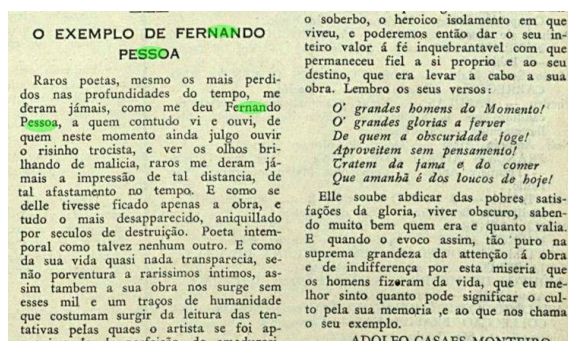


Fig. 1. Texto de Adolfo Casais Monteiro.

Recentemente o crítico Jerónimo Pizarro e o investigador Rui Sousa apresentaram no número 15 da *Pessoa Plural* a Coleção António Miranda que integra “documentos relacionados com as mais diversas áreas do conhecimento”, destacando-se por “um notável acervo de manuscritos e impressos de ou sobre Fernando Pessoa” (PIZARRO; SOUZA, 2019: 178). Neste acervo, que reúne um número considerável de revistas e livros em torno do nome Fernando Pessoa, podemos seleccionar uma significativa bibliografia que compreende a presença do poeta no Brasil. Ainda que falte à coleção o livro de Cecília Meireles, *Poetas Novos de Portugal* (1944), há textos de e sobre Fernando Pessoa publicados no Brasil entre 1957 e 1994, incluindo o livro de Leyla Perrone-Moisés, *Fernando Pessoa, alguém do eu, além do outro* (1982) e a edição de Cleonice Berardinelli de *A Passagem das Horas* [Álvaro de Campos] (1988).

A coleção reserva surpresas ao investigador da recepção de Fernando Pessoa no Brasil, como por exemplo as edições de 1 a 5 (1940-1942) dos *Cadernos de Poesia*, que em seu terceiro número apresenta um poema de Fernando Pessoa e a colaboração dos brasileiros Ribeiro Couto e Oneyda Alvarenga. Destacam-se pela temática no âmbito do acervo a edição brasileira de *Fernando Pessoa: Poesia*. (1957) compilada por Adolfo Casais Monteiro, a *Bibliografia de Fernando Pessoa* (1975) assinada por Carlos Alberto Ianonne e uma série de atas de congressos e notas sobre encontros universitários em homenagem a Fernando Pessoa realizados no Brasil, entre eles o simpósio sobre Fernando Pessoa organizado pelo Centro de Estudos Portugueses da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, e realizado de 15 a 19 de Setembro de 1979, “em que participaram, entre outros, os portugueses Eduardo Lourenço, Alfredo Margarido e José Augusto Seabra [...]” (PIZARRO; SOUZA, 2019: 261) e as *Actas do IV Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos (Secção Brasileira)* (1991).

Para além do já apresentado, depara-se investigador da coleção com uma série de materiais brasileiros sobre a obra de Fernando Pessoa, materiais estes raros de serem encontrados mesmo em bibliotecas e acervos no Brasil, como é o caso do primeiro número dos *Cadernos da PUC*, datado de Agosto de 1969, contendo seis estudos, cinco de Cleonice Berardinelli e um de Diana Bernardes intitulados “Estudos sobre Fernando Pessoa”, e uma série de livros, muitos deles ainda

desconhecidos dos investigadores brasileiros, a saber: o livro de Salette de Almeida Cara, *Fernando Pessoa: Um Detetive-Leitor e Muitas Pistas* (1988) e de Álvaro Cardoso Gomes, *Fernando Pessoa: As Muitas Águas de um Rio* (1987); Segue-se a lista com a coleção *Fernando Pessoa – Estudos Críticos* (1985), organizada por Vilson Brunel Meller e Sérgio de Castro Pinto; *Fernando Pessoa e os Caminhos da Solidão* (1985), de José Afrânio Moreira Duarte; *Horácio e Fernando Pessoa: o Amor as Mulheres e os Poemas Eróticos Censurados* (1982), de Silva Bêlkior; *Saudade e Profetismo Em Fernando Pessoa. Elementos para uma Antropologia Filosófica* (1983), de Alfredo Antunes; *A “Outra Coisa” na Poesia de Fernando Pessoa* (1982), de José Linhares Filho; por fim, cito *Uma Interpretação de Fernando Pessoa* (1969), de Pradelino Rosa.

Ainda no que diz respeito à recepção de Pessoa no Brasil, cabe destaque à revista *Persona*, periódico do Porto dedicado exclusivamente à obra de Fernando Pessoa, e que trazia, no final de cada número, uma seção intitulada “Notas e Notícias”, na qual costumeiramente havia informação de artigos, livros e exposições sobre Fernando Pessoa pelo mundo. Embora a publicação seja portuguesa, em alguns de seus números a revista, através dessa seção, divulgou dados sobre a recepção de Fernando Pessoa no Brasil.

A coleção de Santo Tirso conta com todos os números de *Persona*, nos quais há uma série de chamadas ao que se poderia chamar de presença de Fernando Pessoa no Brasil. A começar com a notícia da publicação de *Caeiro, ‘Descobridor da Natureza’?* (1981) de Maria Helena Nery Garcez, a revista registra a transição da publicação das obras de Fernando Pessoa no Brasil da editora José Aguilar, para a Nova Aguilar e a então para a Nova Fronteira. Passa a revista pela notícia da futura publicação da tese de outro brasileiro, o professor Silva Bêlkior, cujo livro intitular-se-á: *Fernando Pessoa-Ricardo Reis: os Originais, as Edições, o Cânone das Odes* Divulga-se ainda o lançamento de *O Pipoqueiro da Esquina* (1981), livro escrito em parceria por Carlos Drummond de Andrade e Ziraldo, e ainda destaca-se o sucesso do lançamento no Brasil da obra *Fernando Pessoa: uma Fotobiografia*, ratificando-se que “grandes jornais como o *Jornal do Brasil* e *O Estado de S. Paulo* dedicaram páginas inteiras” (PERSONA, In PIZARRO; SOUSA, 2019: 265).

Corroborando com a tese da importância da seção “Fernando Pessoa no estrangeiro”, em seu n.º 5 (abril de 1981) *Persona* noticia sobre a edição *Obra Poética* da Nova Aguillar, “confiada” por Maria Aliete Galhoz à brasileira Nelly Novaes Coelho, e no n.º 8 (março de 1983), apresenta no corpo das notas sobre Fernando Pessoa no Brasil uma informação singular acerca da recepção do poeta no país:

Pessoa, que o Brasil começou a conhecer só nos fins da década de 30, ganhou já os mass-media do país. São frequentes as alusões ou citações que se lhe fazem na imprensa, na rádio, na tv, no disco. Na telenovela “*Baila Comigo*” os dois protagonistas gêmeos revelavam-se admiradores do poeta português... e curiosamente o actor que interpretava os dois papéis, Tony Ramos, tem feito recitais com poemas de Pessoa.

(PERSONA, 1983: 56)

Mais recentemente, foram publicados no Brasil três textos que retomam o assunto, textos estes fundamentados nos estudos dos dois autores anteriormente apresentados (Arnaldo Saraiva e João Alves das Neves): o primeiro é intitulado “Notas sobre a presença de Fernando Pessoa no Brasil” (2012), assinado pelo professor Alfeu SpareMBERger; os outros dois, textos publicados em meio digital, nomeadamente “De como Fernando Pessoa chegou ao Brasil – I” e “De como Fernando Pessoa chegou ao Brasil – II” (2016), escritos pela também professora Walnice Nogueira Galvão, estão disponíveis apenas em meio eletrônico (*vide* GALVÃO, 2016a & 2016b). Há ainda o texto recente de Arnaldo Saraiva *A Entrada de Fernando Pessoa no Brasil* (2015), texto no qual o autor apresenta uma interessante cronologia sobre o tema, abarcando o intervalo entre os anos de 1912 e 1944, ano que Saraiva afirma ter sido o ano em que além de “presença” Fernando Pessoa passou a ter “importância – quase tão relevante quanto em Portugal” (SARAIVA, 2015: 15).

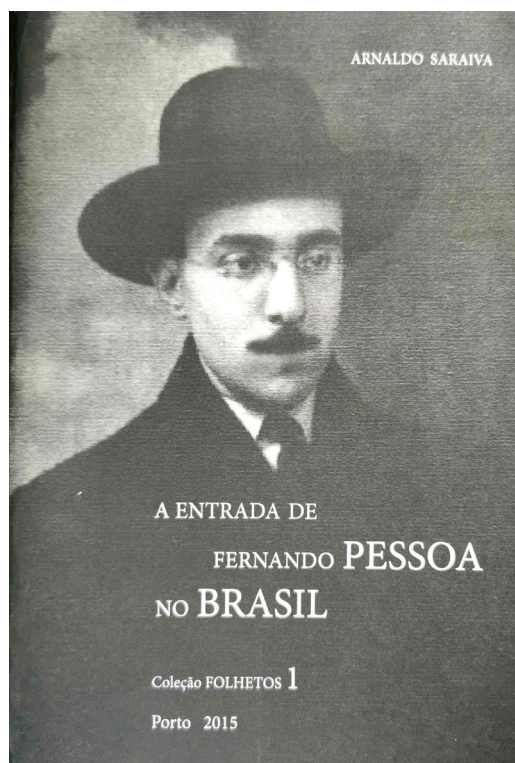


Fig. 2. *A Entrada de Fernando Pessoa no Brasil*.

Os textos brasileiros não chegam a apresentar novos dados em relação às contribuições de Arnaldo Saraiva e João Alves das Neves, todavia merecem menção, uma vez que a bibliografia sobre o assunto é ainda escassa, em se tratando de um autor que encontrou no Brasil uma recepção tão significativa quanto em Portugal. O próprio Eduardo Lourenço reconhece a excelência da recepção de Fernando Pessoa no Brasil, chegando a afirmar que

Se destacarmos entre essas contribuições, como particularmente importantes pela antecipação e originalidade, as de Cleonice Berardinelli, Benedito Nunes e Leyla Perrone, teremos uma idéia da extensão e da qualidade da contribuição brasileira para a fortuna crítica de Pessoa.

(LOURENÇO, [1984] 1993: 23)

Feitas as considerações mais gerais sobre a recepção do poeta no Brasil, este artigo acaba por se debruçar sobre o *corpus* da recepção pessoana por três mulheres brasileiras. Julga-se essa recepção menos investigada e ainda muito aberta a discussões e apreciações críticas. Para cumprir esse recorte, também há a necessidade de uma escolha pautada em critérios lógicos, uma vez que, assim como já mencionado, as variantes são labirínticas e podem levar a uma confusão metodológica.

Resolveu-se, assim, proceder com a escolha do referido *corpus* segundo dois critérios: o primeiro, a cronologia da recepção; o segundo, a natureza da recepção. Focalizamos, pois, a recepção de mulheres que apresentaram criticamente, investigaram, organizaram e escreveram sobre a obra de Fernando Pessoa cumprindo uma espécie de rito de inauguração de sua obra no Brasil sob diferentes aspectos.

Essa escolha pode, a princípio, parecer reducionista. Entretanto, seria demasiado pretencioso – e sempre lacunar – um recorte mais amplo, que abordasse a recepção geral do poeta no país, uma vez que há – como já apresentado no início deste texto – inúmeras vertentes dessa recepção (literária, ensaística, acadêmica, filosófica). Obviamente, estamos deixando de fora desse artigo nomes como Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Lucio Cardoso, Benedito Nunes, Haquira Osakabe, entre outros.

O *corpus* principia com Cecília Meireles, porque foi a primeira brasileira a publicar poemas de Fernando Pessoa em livro, introduzindo-os numa espécie de apreciação crítica livre de academicismos; Cleonice Berardinelli foi escolhida como segunda autora porque foi – não apenas a primeira no Brasil – mas a primeira mulher no mundo a escrever uma tese sobre a poesia de Fernando Pessoa. Foi também a primeira investigadora a receber da Academia o epíteto de “pessoana” no Brasil, além de ter sido responsável por algumas edições da obra do poeta, e organizadora das antologias mais populares da poesia de Fernando Pessoa no Brasil. Cleonice também foi provavelmente a primeira mulher brasileira a ler e transcrever muitos dos mais de 30.000 papéis da mítica arca pessoana para a sua Edição Crítica da *Poemas de Álvaro de Campos* (1990). Por último, Leyla Perrone-Moisés, investigadora fundamental para os estudos pessoanos no Brasil, reconhecida pelos seus ensaios sobre a obra do poeta, em especial o seu livro *Aquém do eu, além do outro* (1982), também foi a responsável pela seleção e introdução da primeira edição do *Livro do Desassossego* organizada e publicada no Brasil, sendo a segunda mulher brasileira a assinar uma edição da obra poeta.

Cecília Meireles

Cecília Benevides de Carvalho Meireles (1901-1964) nasceu no Rio de Janeiro, e além de poeta, foi jornalista e pintora. Em 1919, lançou seu primeiro livro de poemas, *Espectros*, e em 1922 aproximou-se do grupo da Semana de Arte Moderna. Alguns poetas da Semana fundaram o grupo da *Festa* em 1927. Cecília também participou do movimento e foi colaboradora⁶ do periódico que recebeu o mesmo nome do grupo. Assim como as duas outras mulheres que figuram neste artigo, Cecília Meireles foi também professora universitária, e entre 1936 e 1938 lecionou Literatura Luso-Brasileira na Universidade Federal do Rio de Janeiro.



Fig. 3. Revista *Festa*.

⁶ A Revista *Festa*, dirigida por Tasso da Silveira e Andrade Muricy, contou com a colaboração de vários artistas do modernismo brasileiro, incluindo Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade, além da própria Cecília. *Festa* se desenvolveu em duas fases: a primeira, em que foram publicados doze exemplares, vai de 1º de agosto de 1927 a 15 de setembro de 1928; a segunda fase, composta de nove números, vai de julho de 1934 a agosto de 1935, coincidentemente ano da morte de Fernando Pessoa. Vale destacar o fato de que Tasso da Silveira foi um dos primeiros críticos literários que recebeu a obra de Fernando Pessoa no Brasil, escrevendo vários textos sobre o poeta português no jornal carioca *Diário de Notícias* a partir de julho de 1941. Notadamente, na edição de 18 de julho de 1944, Tasso da Silveira escreve uma resenha sobre *Poetas Novos de Portugal* (1944), livro organizado por Cecília Meireles e que, como veremos ao longo do artigo, apresenta o poeta português pela primeira vez em um volume publicado por uma brasileira, e em edição nacional (Rio de Janeiro: Editora Dois Mundos).

A poeta parece ter sido a responsável pela primeira menção de realce à obra de Fernando Pessoa no livro *Poetas Novos de Portugal* (1944) – o prefácio do livro é datado de 1943 – volume este cuja organização e seleção de poemas são assinadas pela brasileira. Logo nas primeiras páginas, Meireles destaca o verso “O que em mim sente está pensando” (MEIRELES, 1944: 21) e segue enumerando os principais poetas de Orpheu, acentuando que Fernando Pessoa “é o poeta que mais absorve a atenção do leitor e do crítico, que pela multiplicidade de sua obra, quer pelo seu significado e projeção” (MEIRELES, 1944: 38). Apontava a brasileira para “o caso mais extraordinário” do Poeta:

[...] possuidor de qualidades líricas tão raras que dulcificam, eterizam a língua em que escreveu, tornando-a um instrumento de delicadeza nova, sensível ao mais abstrato toque – não se limitou a viver a sua personalidade: desdobrou-se em outras formas diferentes mas igualmente poderosas, realizando assim a obra de quatro poetas que fossem igualmente geniais.

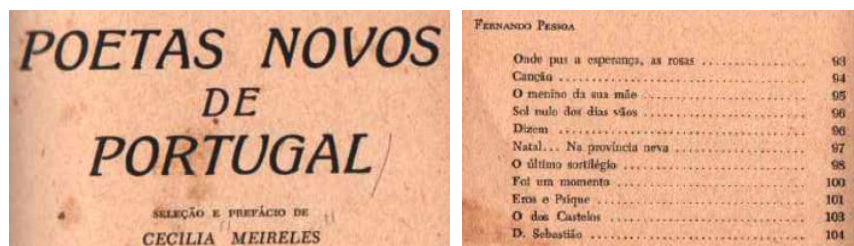
(MEIRELES, 1944: 38)

Meireles segue apresentando a poética de Fernando Pessoa, estabelecendo um diálogo com as cartas do poeta a João Gaspar Simões e a Adolfo Casais Monteiro na abordagem da questão heteronímica, buscando abordar as diversas personalidades fictícias do poeta desdobradas em três principais heterônimos que “viviam tão nítidos em redor do poeta que ele conseguiu retratá-los, descrevê-los em suas vidas, gostos e pensamentos” (MEIRELES, 1944: 40-41). A poeta dialoga com a consideração de Gaspar Simões em relação à força da poesia de Fernando Pessoa, considerando-o também um “mestre” para as futuras gerações de escritores portugueses.

Admitia Cecília Meireles que era possível subsistir “a dúvida sobre os limites da independência que haveria alcançado cada uma dessas outras personalidades inventadas ou recebidas” (MEIRELES, 1944: 44), entretanto ressaltava que “em meio a todas elas, Fernando Pessoa, ele-próprio, não é também um caso simples: lírico da mais clara essência, é, ao mesmo tempo esotérico, e súbito se faz profético e patriótico.” (MEIRELES, 1944: 44).

A importância da apresentação em sua antologia aponta em muitas direções. Destaco três. A primeira me parece ser a propriedade com que trata os conceitos conectados à poética pessoana. É a primeira mulher a apresentar a ideia de heteronimismo em Pessoa no Brasil, ainda que para isso tenha recorrido a epistolografia de Casais Monteiro e Gaspar Simões. Cecília Meireles oferece, ainda, destaque aos conceitos de esoterismo, profetismo e patriotismo, temas caros à recepção crítica de Fernando Pessoa, além de evidenciar que Pessoa é um poeta de essência lírica singular. A segunda recai sobre o estabelecimento das conexões que Meireles faz entre Pessoa e outros poetas de Orpheu e com outros grupos do modernismo português, como os grupos que compuseram as revistas *Presença*,

Centauro, *Contemporânea* e *Athena*. A terceira, a seleção de textos feita por ela, que apresenta poemas já anteriormente publicados em revistas portuguesas, mas inéditos em publicações brasileiras.



Figs. 4 e 5. *Poetas Novos de Portugal* (detalhe da folha de rosto e índice).



Fig. 6. “Poetas novos de Portugal”, de Tasso da Silveira, que refere Pessoa, “figura central do movimento renovador pela sua dominadora originalidade e pela altura da sua inspiração” (p. 7).

Meireles selecionou treze poemas de Fernando Pessoa ortônimo e oito poemas dos três heterônimos entre 1914 e 1934. Os poemas do ortônimo passam por textos datados e por textos sem data (incluindo um dos poemas de *Mensagem* (1934) “Primeiro: D. Sebastião” e um poema pouco conhecido, intitulado “Poema”); os poemas dos heterônimos somam 1 poema de Ricardo Reis, 1 poema de Alberto Caeiro, e 6 poemas de Álvaro de Campos, abarcando, portanto, um intervalo de vinte anos da produção de Fernando Pessoa, o que é de certa forma significativo em termos de antologia, considerando-se que Pessoa concebe em gênese os heterônimos também a partir de 1914, e vem a falecer em 1935.

Soma-se à importância da antologia de Cecília Meireles o fato de que se poderia estabelecer uma quase-relação entre a poeta e Fernando Pessoa, para além de sua notória admiração por Pessoa, verificável no seu prefácio de apresentação da poesia do autor português ao leitor brasileiro.

Cecília Meireles foi casada entre os anos de 1922 e 1935 com Fernando Correia Dias (1892-1935), artista plástico português, caricaturista conhecido da vanguarda artística portuguesa, que viveu no Rio de Janeiro com a esposa, e por quem Fernando Pessoa passou a nutrir certa admiração a partir de 1913 – antes mesmo daquele conhecê-la – quando viu pela primeira vez as caricaturas de Correia Dias na exposição do Salão da *Ilustração Portuguesa*.

Pessoa chega a escrever em seu diário daquele ano sobre a primeira vez que encontra o artista: “vindo pela Brasileira, fui apresentado pelo Luciano de Araújo, que ali estava, ao Albino de Meneses e ao Correia Dias, que estavam na exposição do Almada Negreiros” (PESSOA, 2007: 88). Importante lembrar que Correia Dias e Pessoa contribuíram concomitantemente para *A Águia*, a partir do volume I, segunda série, no ano de 1912, o poeta como autor de “A Nova Poesia Portuguesa Sociologicamente Considerada” e “A Nova Poesia Portuguesa no seu aspecto Psychologico”, enquanto o artista plástico assina a ilustração da capa da revista.

A Revista *Ilustração Portuguesa* de 2 de março de 1914 publicaria uma página com o retrato de Correia Dias e quatro de suas caricaturas. Findada a exposição, não tardou o artista a ir para o Rio de Janeiro, retornando com Cecília a Portugal quase vinte anos depois, quando manifestaram aos amigos o desejo de se encontrarem com Pessoa, que chegou a marcar um café com o casal, mas ao qual o poeta não compareceu justificando que as condições astrológicas não favoreciam o encontro.

Cecília foi a Portugal em 1934 e quis conhecer Pessoa. Telefonou-lhe e marcaram um encontro na Brasileira do Chiado. Pessoa não compareceu e deixou a senhora a esperar num café – naquela época reduto exclusivo de homens – das doze às duas da tarde. Mais tarde passou pelo hotel de Cecília, deixou o livro *Mensagem* acabado de sair e a explicação que não havia comparecido porque o horóscopo que havia feito de manhã dizia que os dois não eram para se encontrar [!!!].

(SEVERINO, in COTA FERNANDES, 1981: 21)

É possível afirmar que o ano de 1934 configura-se como uma data emblemática não apenas para Pessoa, já que é o ano de publicação do seu primeiro “livro” de poemas (*Mensagem*) – na acepção mais denotativa do termo –, mas também para a relação de Cecília com a poética pessoana e sua respectiva recepção, uma vez que é ela a provável primeira poeta brasileira a ler *Mensagem* em sua totalidade. O livro, oferecido à Cecília Meireles e a Correia Dias, continha uma dedicatória de Pessoa:

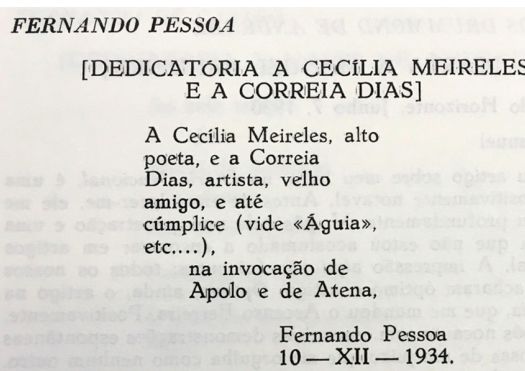


Fig. 7. Revista *Ilustração Portuguesa*, n.º 419, 2 de março de 1914 (p. 285).

Fig. 8. Dedicatória de Fernando Pessoa a Cecília Meireles e Correia Dias transcrita em *Modernismo Brasileiro e o Modernismo Português* (SARAIVA, 1986: 19).

Meireles foi, portanto, não apenas a poeta brasileira a escrever “o primeiro texto crítico sobre Fernando Pessoa” (NEVES, 1985/1986: 96), mas também aquela que mais se aproximou de ter um contato direto com o poeta e, provavelmente, por conta de sua relação marital com Correia Dias, de ter um acesso – ainda que indireto – a toda a atmosfera que envolvia as publicações de Pessoa nas revistas modernistas (*Águia*, *Orpheu*, etc.).

Contam-se dez anos do encontro falhado de Cecília Meireles com Pessoa em Lisboa até a publicação da antologia de 1944, posterior ao primeiro volume – de 1942 – da edição das obras completas de Pessoa, publicadas pela editora Ática. Esta edição contou com a recepção de outros poetas contemporâneos de Cecília, dentre eles, Murilo Mendes, outro brasileiro em que a obra de Fernando Pessoa causou significativo impacto.



Fig. 9. Texto “Fernando Pessoa”, de Murilo Mendes, sobre a edição das Obras completas de Fernando Pessoa.

Cecília Meireles viria a ser não só a primeira mulher a escrever sobre Fernando Pessoa no Brasil, mas a primeira a apontar caminhos de leitura da poética pessoana aos tantos leitores brasileiros que estariam por vir. Sua contribuição se destaca pelo caráter introdutório à obra do poeta, ainda desconhecido do grande público no Brasil, já que a primeira edição de sua obra poética só viria a ser lançada por uma editora brasileira em 1960.

Cleonice Berardinelli

Não se pode tratar da recepção de Fernando Pessoa no Brasil sem passar pela “referência incontornável” nos estudos de literatura portuguesa no Brasil: a centenária e imortal Cleonice Serôa da Motta Berardinelli (1916–). Nascida no Rio de Janeiro, graduou-se em Letras Neolatinas na Universidade de São Paulo (USP), retornando ao Rio de Janeiro na década de 1940, quando de fato começa a construir uma trajetória de rigor e excelência acadêmicos, podendo ser considerada uma das vozes internacionais mais contundentes na área de estudos pessoanos.

Dentre as inúmeras honrarias concedidas à Berardinelli nos seus mais de 75 anos de magistério, estão a Comenda da Ordem do Infante D. Henrique, do Governo de Portugal (1967), a de Membro titular do PEN Clube do Brasil, eleita por unanimidade, em 23 de fevereiro de 1984, a Comenda da Ordem de Santiago da Espada, concedida pelo Governo de Portugal, recebida no II Congresso Internacional da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 24 de agosto de 1992, a de Membro Fundador da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa, em agosto de 1992, a de Doutor Honoris Causa da Universidade de Lisboa, tendo-lhe sido entregues as insígnias no dia 10 de janeiro de 1996, a de Vice-Presidente de Honra da Associação Internacional de Lusitanistas, eleita por unanimidade, em julho de 2002, a Grã-Cruz da Ordem de Santiago da Espada, concedida pelo Governo de Portugal, e recebida no Real Gabinete Português de Leitura, em 11 de agosto de 2006, a Medalha da Ordem do Desassossego, concedida pela Casa Fernando Pessoa e entregue numa cerimônia realizada no Instituto Moreira Sales, no dia 8 de março de 2010, o Prêmio Literário Sérgio Buarque de Holanda – categoria ensaio –, da Fundação Biblioteca Nacional, 2012, e a de Doutor Honoris Causa, Universidade de Coimbra, 2013. Para além de ocupar a cadeira número 8 da Academia Brasileira de Letras desde 16-12-2009.

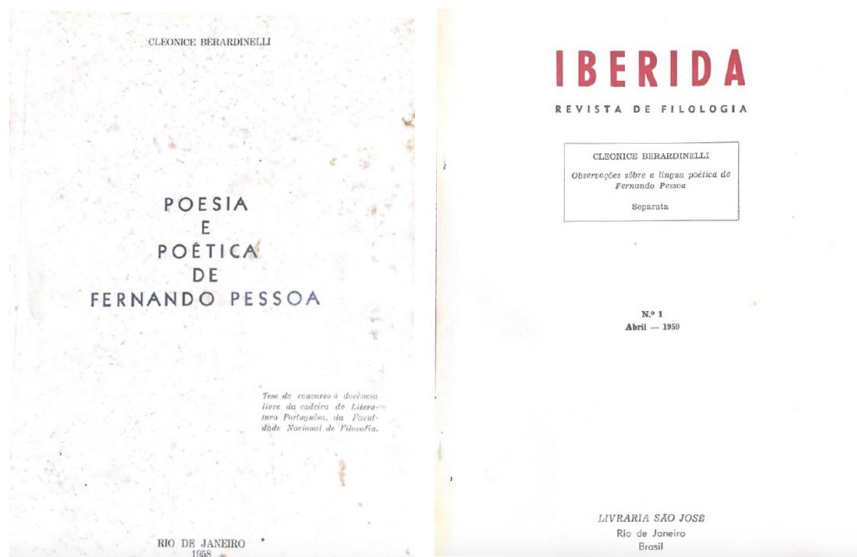
Segundo José Blanco, a própria Cleonice Berardinelli – a primeira pessoana centenária do mundo, que em agosto completou 103 anos – conta que seu primeiro encontro com Fernando Pessoa foi aos 28 anos – coincidentemente também no ano de 1944 – quando o professor Thiers Martins Moreira apresentou-lhe o poeta a partir da antologia de Adolfo Casais Monteiro publicada pela Confluência dois anos antes. Aliás, Thiers Martins Moreira foi um dos acadêmicos pioneiros na recepção de Fernando Pessoa no Brasil (BLANCO, 2016: 401). É a própria crítica que nos conta como o Professor Thiers apresentou-lhe o poeta:

Foi Thiers (agora já o chamo assim, na minha memória afetiva, quando parado no tempo, já é muito mais jovem que eu) que me ensinou a amar Fernão Lopes e quem, pela primeira vez, me apresentou a Fernando Pessoa, lamentando o meu desconhecimento do poeta que já era um de seus preferidos (“Como? Você não conhece Fernando Pessoa? Saiba que é uma falha na sua formação universitária!”).

(BERARDINELLI, in BUENO [et al.], 2007: 152)

Entre o primeiro encontro com o poeta e a defesa da tese de livre-docência defendida na Universidade do Brasil (hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ) foram 30 anos de dedicação ao magistério de literatura portuguesa, sendo Cleonice uma referência não somente em Fernando Pessoa, mas também em Gil Vicente e Luís de Camões. Assim, o primeiro grande passo para que Cleonice Berardinelli viesse, num futuro não tão próximo, a figurar no seletivo e distinto grupo de estrangeiros reconhecidamente especialistas na obra de Fernando Pessoa – grupo que inclui Pierre Hourcade (França), Ángel Crespo (Espanha), Octavio Paz (México),

Antonio Tabucchi (Itália), Georg Rudolf Lind (Alemanha), e muitos outros – foi a sua tese de livre-docência intitulada *Poesia e poética de Fernando Pessoa*, defendida em 1958. A tese foi a segunda dissertação sobre Pessoa defendida no mundo, atrás apenas da tese do português Jacinto do Prado Coelho *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa* (1949), texto que se tornou referência na área dos estudos pessoanos.



Figs. 10 e 11. Capas da Tese de Livre-docência (1958) e da separata da revista *Ibérica* (1959).

A tese de Berardinelli não foi publicada, tendo sido o seu conteúdo, em parte, transformado em ensaios que foram sendo publicados juntamente com tantos outros textos da autora sobre Pessoa ao longo de 57 anos, entre 1957 e 2014. As publicações de Cleonice foram catalogadas por José Blanco, que considera o repertório da brasileira de fulcral importância “para a compreensão do fenómeno poético pessoano” (BLANCO, 2016: 401). A bibliografia editada por Blanco na sua *Pessoana* (2008) conta com 62 entradas, colocando a brasileira entre os “dez ensaístas mais prolíferos” da obra pessoana no mundo, em uma lista liderada por João Gaspar Simões (142 entradas), e que tem ainda a presença de Eduardo Lourenço (91 entradas) e Teresa Rita Lopes (83 entradas).

Cleonice Berardinelli introduz sua tese ressaltando o quanto Pessoa era desconhecido pelos seus contemporâneos, e como, desde a sua morte, sua obra vem ganhando cada vez mais espaço no âmbito dos estudos literários.

Desconhecido da grande maioria dos seus contemporâneos, incompreendido de muitos, admirado de uma elite intelectual que soube adivinhá-lo às primeiras manifestações de seu gênio, viveu Fernando Pessoa quase despercebido.

Depois de sua morte, porém, cresce cada vez mais o interesse suscitado por sua vida e obra, a tal ponto que, nestes últimos anos, nenhum outro poeta português terá sido tão estudado e discutido em Portugal.

(BERARDINELLI, 1958: 1)

Os três primeiros textos publicados pela crítica a respeito da poesia de Pessoa datam respectivamente de 1957, 1958 e 1959. Chama à atenção que o primeiro texto é sobre *Mensagem*, livro que marcou as relações entre Fernando Pessoa e Cecília Meireles, e que Cleonice Berardinelli chama de “a mais portuguesa das obras de Fernando Pessoa” (BLANCO, 2014: 119). O texto de 1958 foi publicado na antologia poética de Mário de Sá-Carneiro publicada pela Agir, e se tratava de um ensaio que abordava as relações pessoais e literárias de Sá-Carneiro com Pessoa. O texto de 1959 é um artigo publicado em uma separata da revista *Ibérica*, originalmente subcapítulo de sua tese, intitulado “Observações sobre a língua poética de Fernando Pessoa”. Segue a descrição do conteúdo do artigo publicado na revista

Estudo sobre o emprego do advérbio de modo e do adjetivo atributivo-adverbial na poesia de FP. Relativamente ao advérbio, se o ortónimo raramente o emprega, Ricardo Reis usa-o sobriamente e Alberto Caeiro fá-lo numa frequência comparável à de Cesário Verde; Álvaro de Campos é um caso único na poesia portuguesa, só encontrando símile entre os prosadores. Quanto ao adjetivo atributivo-adverbial, é muito frequente no ortónimo e em Ricardo Reis e menos em Caeiro e Campos.

(BLANCO, 2014: 119)

O investigador Carlos Pittella, ex-orientando de Cleonice Berardinelli e também estudioso de Fernando Pessoa, chama-nos à atenção para aspectos singulares e genuínos da tese de Cleonice. Em seu ensaio “A segunda tese: a importância da tese inédita de Cleonice Berardinelli para os estudos pessoanos” (2016), Pittella aponta para duas questões que considera fundamentais sobre o assunto: o carácter inédito ou não da tese de Cleonice e a crítica que a sua tese recebeu do autor da primeira tese, Prado Coelho.

Com relação ao ineditismo, Pittella apresenta a tese de Cleonice como não completamente inédita, uma vez que a autora, além de ter nos anos subsequentes a 1958 desenvolvido conceitos-chave da tese em sua atividade docente, também publicou artigos a partir de trechos da tese⁷, além de ter enviado uma cópia da mesma a Jacinto do Prado Coelho, como já mencionado, autor da primeira tese.

O motivo de Cleonice não ter publicado a tese, de acordo com Pittella, consiste em uma suposta obsolescência da metodologia usada pela investigadora na análise do *corpus* da poesia pessoana. Segundo ele, àquela altura (fins da década de 1950) a escola estilística espanhola (formada pela tríade, Dámaso Alonso, Amado Alonso, Carlos Bousoño) cedia espaço à “crescente influência do estruturalismo francês, que logo viria a dominar as análises literárias na década de 1960”; afirma

⁷ Exemplos citados por Carlos Pittella em seu artigo aqui referido: Cleonice Berardinelli, “Observações sobre a língua poética de Fernando Pessoa”, *Ibérica*, n.º 1, 1959, pp. 239-241; “A presença da ausência em Fernando Pessoa”, separata de *Ocidente*, vol. LIX, 1960, pp. 309-317; e “Observações sobre a língua poética de Fernando Pessoa”, *Fernando Pessoa: outra vez de revejo*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2004, pp. 20-36.

que a própria Cleonice indicou essa como sendo “umas das razões para não ter publicado sua tese” naquele momento (PITTELLA, 2016: 161).

Entretanto, na década de 1970, a tese de Cleonice poderia ser retomada como um exemplo da revisão alguns brasileiros fizeram à estilística, encontrando na proposta dos irmãos Campos (Haroldo e Augusto), que junto a Décio Pignatari aplicariam:

[...] outro estruturalismo, inspirado na semiótica peirceana, que de certo modo resgata os estudos estilísticos espanhóis, acrescentando-lhes a novidade de análises estatísticas. Assim a tese de Berardinelli permaneceu inédita por tanto tempo, que sua metodologia, outrora obsoleta, voltou a ser de vanguarda – e as análises estatísticas abundam na tese de Berardinelli.

(PITTELLA, 2016: 161)

Logo, em termos analíticos, a tese mereceria publicação posterior, se não tivesse recebido contundentes críticas do autor da primeira tese, Jacinto do Prado do Coelho.

Com relação a esse assunto, Pittella resume que as críticas de Prado Coelho repousam sobre dois pontos principais: “1) a justificação da dicotomia matéria forma empregada por Berardinelli e 2) a aplicabilidade da expressão “febre de Além” para representar o cerne espiritual da poesia pessoana” (PITTELLA, 2016: 162). Pittella defende que ambos os argumentos de Prado Coelho constituem, respectivamente, caso de “desentendimento semântico” e certo desconhecimento do autor português em relação ao tratamento que a tese de Cleonice oferece à ideia de “febre de Além”. Segundo Prado Coelho:

[...] em vez desta expressão, que, evocando o misticismo heroico da *Mensagem*, convém menos à restante obra de Pessoa e heterónimos, acho preferível “inquietação metafísica” ou algo semelhante. E prefiro definir o cerne espiritual de Pessoa pelo antagonismo entre o pressentimento do oculto e a lucidez corrosiva – donde a perplexidade irremediável e a disponibilidade para tudo no âmbito da clausura.

(COELHO, 1963: 225-227)

Poderíamos nos alongar na discussão sobre os argumentos postos por Jacinto do Prado Coelho com a aparente finalidade de refutar a segunda tese. Entretanto, seria mais um exercício de análise desses argumentos e, conseqüentemente, formulação de uma contra-argumentação para a defesa de Cleonice do que um trabalho de indicação da importância da segunda tese para a recepção de Fernando Pessoa no Brasil, que a meu ver pode ser sustentada por três aspectos: o primeiro é, para além do pioneirismo, o seu protagonismo, que escreveu e defendeu “um dos primeiros trabalhos de livre-docência de mulheres no Brasil” (PITTELLA, 2016: 156); o segundo, a genuinidade com que Berardinelli analisa poemas ainda pouco estudados, estabelecendo uma ampla leitura de temas fulcrais na poética pessoana,

a saber: sonho, solidão, desassossego, mistério, morte, metafísica, busca do “eu”, abulia, cansaço, tédio e, por que não, *A febre de Além*; o terceiro, e não menos importante, a aplicação de um método quantitativo-qualitativo, que permitiu à Cleonice analisar fundo e forma dos poemas pessoanos, ainda que naquele momento tivesse acesso – como hoje bem sabemos – a uma apenas pequena parte do imenso arquivo pessoano, tendo por referência as edições da Ática preparadas a partir de 1942.

Não se poderia deixar de apontar para o fato da tese – ainda provavelmente de pouco acesso à leitura no Brasil, principalmente por não ter sido publicada – receber já na segunda edição de *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa* (1963) a crítica de seu contraponto português. Esse me parece um dado importante, uma vez que os ensaístas brasileiros – sobretudo as mulheres – não são comumente referidos nos ensaios dos grandes nomes portugueses na área estudos portugueses, especificamente, neste caso, pessoanos.

Não se resume, entretanto, à segunda-tese, a recepção de Fernando Pessoa na vida e na obra ensaística de Cleonice Berardinelli. Seguiram-se a ela inúmeros ensaios, artigos, orientações de mestrado e de doutorado, conferências, antologias e coletâneas, até mesmo um filme-documentário. Segundo Aníbal Pinto de Castro, “o seu saber textológico não conhece fronteiras periodológicas nem se esgota na escrita dos clássicos, pois logo a vemos integrada na equipa que, sob a chefia de Ivo Castro⁸, tomou a seu cargo a edição crítica das *Obras* de Fernando Pessoa, num trabalho tão empenhado que dele resultaram já as novas versões d’*A passagem das Horas* e dos *Poemas de Álvaro de Campos* (PINTO DE CASTRO, 202: 23).

Cleonice Berardinelli relata em entrevista ao *JL – Jornal de Letras, Artes e Ideias* de Lisboa, em 8 de outubro de 1987, a rotina de seu trabalho com o espólio, o que

⁸ A esse respeito, Gustavo Bragança, a partir de uma entrevista com Jerónimo Pizarro, escreve uma esclarecedora nota: “Em 1988, uma equipe de investigadores, conhecida como Equipa Pessoa, chefiada por Ivo Castro, iniciou estudos para um amplo projeto de edições críticas da obra de Fernando Pessoa, atuando diretamente no espaço da Biblioteca Nacional de Portugal, local onde se encontra o famoso espólio do escritor. A tarefa a que este grupo de trabalho passou a se dedicar reflete a necessidade – que já fora sentida por outros investigadores e que ainda há – de se colocar em questão criticamente as publicações dos escritos de Pessoa, tanto as obras já editadas (e mesmo aquelas editadas em vida), quanto às obras inéditas que ainda surgirão a partir do corpo fragmentado do espólio; o que se impõe é a necessidade de retornar aos textos originais, de retornar aos manuscritos e datiloscritos, e de buscar, nestes, aquilo que Pessoa de fato escreveu e que poderá, sob um trabalho de edição que deve sempre ser pensado criticamente e explicitado enquanto mediação, tornar-se a obra que chegará aos leitores. Em continuidade ao trabalho e às linhas metodológicas da Equipa Pessoa – esta que, por sua vez, dava seguimento, embora em linhas próprias, a iniciativas paralelas de importantes investigadores da obra de Fernando Pessoa (muitos dos quais seguem em atividade, como a já citada Teresa Rita Lopes) –, edições críticas de éditos e inéditos continuam a ser publicadas pela editora Imprensa Nacional-Casa da Moeda, ao lado de muitas outras publicações dentro e fora de Portugal, como as conhecidas edições da Assírio & Alvim, explicitando que há muito ainda a descobrir e a redescobrir no espólio de Pessoa.” (BRAGANÇA, 2011: 1-13).

representa até aquele momento um esforço singular entre os pesquisadores brasileiros com o propósito de preparar uma edição crítica da obra do heterônimo “engenheiro”. A crítica, que possui uma formação sólida em filologia e conhecimento arguto em ecdótica, desempenhou papel fundamental também na recepção editorial das obras, ou seja, não se limitou a escrever ensaios sobre a poesia de Fernando Pessoa, mas também se dedicava a preparação de edições, no caso em questão, de edições críticas.

Originalmente, a edição de *Poemas de Álvaro de Campos* (série maior) foi publicada em Portugal no ano de 1990 pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, de Lisboa, recebendo uma edição brasileira em 1999 pela Nova Fronteira, com a supressão de 26 textos que figuravam na primeira edição portuguesa. Berardinelli é provavelmente a primeira brasileira⁹ a trabalhar sistematicamente sobre os papéis do espólio após os mesmos terem sido remanejados da mítica “arca” para a Biblioteca Nacional de Portugal. Segue trecho da entrevista concedida a Alberto Júlio Silva:

CB – [...] É, de fato, um trabalho fascinante, este, que eu estou agora podendo executar, e que não vou completar ainda desta vez, mas em que estou tendo a revelação de textos de Álvaro de Campos que estão, até hoje, absolutamente inéditos.

JL – Guardados na arca?

CB – Estavam, mas agora já não é mais uma arca, mas uma série de caixas, onde está tudo bem arrumado, bem fichado, e onde eu vou então encontrar alguns textos de fácil leitura, alguns datilografados, mas outros que são numa linguagem que eu poderia dizer – cifrada. [...] A leitura do Álvaro de Campos ainda é mais difícil do que a do Fernando Pessoa ele mesmo, ou do Ricardo Reis, porque...

JL – Distinguem-se na letra? (risos da professora e do entrevistador)

CB – Não, na letra não (ri). ... porque nos outros nós podemos recorrer à rima e ao metro [...] enquanto no Álvaro de Campos, raramente há rima. [...]

JL – Eu ia perguntar como é redescobrir Fernando Pessoa ou Álvaro de Campos [...].

CB – À medida que se mexe naqueles papéis, fica-se assustado com a quantidade de coisas que esse homem escreveu e pelos caminhos vários que percorreu. [...] acho que a obra do Álvaro de Campos, que é, no momento, aquela sobre a qual eu posso falar, [...] é uma obra que vai encorpar-se muito quando eu puder publicar essas coisas que encontrei lá, essas coisas que estão em um estado muito diverso, [...] estou revelando a um público interessado – porque só quem estiver interessado é que vai interessar-se por uma edição crítica...

JL – Está, portanto, a preparar uma edição crítica de Álvaro de Campos?

CB – Estou tentando preparar uma edição crítica de Álvaro de Campos.

(SILVA, 2016: 92-96)

⁹ Registre-se que o também brasileiro, professor Duílio Colombini, teve acesso aos papéis do espólio quando os mesmos ainda estavam depositados com a família de Fernando Pessoa para escrever a sua edição do *Primeiro Fausto* (1986). Pittella, na sua edição do *Fausto* (2018), descreve em maiores detalhes o trabalho de Colombini com o espólio pessoano. Ver: PESSOA (2018: 385-387).



Figs. 12 e 13. *Poemas de Álvaro de Campos* (edições de 1990 e 1992 da INCM).

O papel de Cleonice Berardinelli na recepção de Pessoa, que encontrou em Jacinto do Prado Coelho um primeiro antagonista, não deixaria de mexer com outros ânimos portugueses durante o seu trabalho como investigadora da Equipa Pessoa, dirigida por Ivo Castro. Teresa Rita Lopes escreve o texto “A crítica da Edição Crítica” e o publica na revista *Colóquio Letras* (n.º 125/126 de julho-dezembro de 1992), ataque aberto ao trabalho da brasileira nas escolhas que faz ao editar os poemas de Álvaro de Campos. Dentre uma série de apontamentos negativos sobre aparentes de equívocos da edição crítica, a tônica do ensaio de Lopes recai na acusação de que os editores (leia-se Berardinelli) praticamente reescreveram os poemas, criando “a sua obra (já que de Pessoa-Campos deixou de ser)”, e afirmando que “É penoso mas é meu dever cívico dizer que a Edição Crítica dos Poemas de Álvaro de Campos está imprópria para consumo” (LOPES, 1992: 209-218).

Cleonice Berardinelli e Ivo Castro rebateram o texto de Teresa Rita Lopes três meses depois com o opúsculo intitulado “Defesa da Edição Crítica de Fernando Pessoa” (Lisboa, 1993), texto que foi publicado posteriormente no livro de Ivo Castro *Editar Pessoa* (2013). As palavras de Cleonice são uma devolutiva à altura, dadas as ásperas farpas direcionadas à Edição Crítica por Teresa Rita Lopes:

A preparação desta minha edição “imprópria para consumo” custou-me imenso trabalho e dedicação, nela pus todo o cuidado e, sobretudo, a máxima honestidade profissional. A minha postura moral é-me mais cara que o meu mais caro produto intelectual. Não gosto de polêmicas, mas acho que devo a mim mesma esta defesa da verdade.

(BERARDINELLI, 1993: 27)

Para além da edição de Álvaro de Campos, a pesquisadora ainda foi responsável pela organização, introdução e notas de *Fernando Pessoa. Obras em prosa* (1974), pelo prefácio e organização de *Fernando Pessoa. Alguma prosa* (1976), seleção e introdução de *Fernando Pessoa. Poemas* (1980), apresentação e organização (conjunta com Maurício Matos) de *Mensagem* (2008), e organização, apresentação e ensaios de *Fernando Pessoa, Antologia Poética* (2012).

A seguir apresentamos uma tabela na qual é possível visualizar a produção de Cleonice Berardinelli sobre Fernando Pessoa em mais de 57 anos de dedicação à investigação e ao ensino sobre a obra do poeta português. Os dados são baseados na *Pessoana* (2008) de José Blanco, acrescidos das dissertações de mestrado e teses de doutorado concluídas e orientadas por Cleonice cujo *corpus* é constituído pela obra poética de Fernando Pessoa.

Década	Tese	Livros e capítulos	Artigos	Edições	Recensões e entrevistas	Dissertações (orientação)	Teses (orientação)
1950	1	1	3				
1960		1	9				
1970			1	2	3		
1980		2	10	2	1		
1990			13	2			2
2000		2	7			6	3
2010		2					

Em 2014, na ocasião com 98 anos de idade, Cleonice, com a parceria de Maria Bethânia, protagonizou um filme, *O vento lá fora* (2014), última grande empreitada da D. Cléo em, sempre, generosamente, oferecer ao público, sempre com rigorosa, harmoniosa e mesmo teatral musicalidade os versos do poeta português. Devemos, todos nós, à fazendeira-mestra Cleonice, um agradecimento – assim como aquele feito pela professora ao seu mestre Thiers Martins Moreira – a tarefa de ter empreitado a tarefa cruzadística de sistematicamente ser a primeira a “estudar-pesquisar-investigar” Fernando Pessoa no Brasil, oferecendo a todos aqueles que se aventuram pela árdua tarefa de se embrenhar no labirinto pessoano um mapa – *ainda por conhecer* – mas de riquíssimo relevo para a leitura e compreensão de sua poética, explorando a palavra na sua íntima estilística.

Leyla Perrone-Moisés

Nossa terceira, e por ora, última leitora de Fernando Pessoa é Leyla Beatriz Perrone-Moisés. Nascida a 22 de novembro de 1934, na cidade de São Paulo, seu interesse pela leitura começou muito cedo, motivado, em especial, pela literatura infantil e juvenil. Logo enveredou para a área da Crítica Literária, em decorrência do gosto pela literatura e do desejo de partilhar esse gosto com outros leitores.

Cursou sua graduação em Letras Neolatinas, na Universidade de São Paulo, a exemplo de Cleonice Berardinelli, mas diferente desta, concluiu o seu Doutorado e a Livre-Docência também na USP.

Contudo, segundo a pesquisadora, o seu primeiro interesse profissional não foi a literatura e, sim, a pintura. Fez vários cursos de artes plásticas e expôs seus trabalhos em duas bienais. Todavia, cursou Letras Neolatinas porque seus pais, à época, acreditavam que a arte plástica não era profissão.

Após concluir sua graduação, em 1957, começa a publicar resenhas sobre a literatura francesa no Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo*.

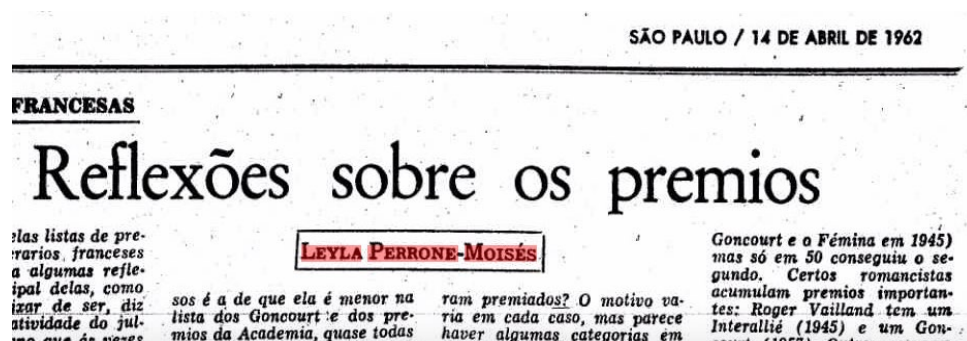


Fig. 14. Texto de Leyla Perrone-Moisés, Folha de São Paulo, p. 9.

No livro *O Novo Romance Francês* (1966), reuniu artigos produzidos nessa época. Em 1971, concluiu doutorado sobre o poeta uruguaio Lautréamont, que resultou no volume *A Falência da Crítica* (1973). Dois anos depois, defendeu tese de livre-docência, publicada em versão impressa com o título *Texto, Crítica e Escritura* (1978). Entre 1972 e 1975, viveu em Paris, onde teve a oportunidade de aprofundar os estudos sobre os críticos-escritores e de conviver com intelectuais como Roland Barthes, Tzvetan Todorov, Philippe Sollers e Julia Kristeva.¹⁰

A sua primeira publicação sobre a obra de Fernando Pessoa se dá em 1974, com o texto "*Pessoa personne?*" (PERRONE-MOISÉS, 1974; *Tel Quel*, n.º 60), texto que depois receberia a sua versão em português: "*Pessoa ninguém?*" em forma de capítulo no primeiro livro de Leyla sobre Pessoa, *Fernando Pessoa, alguém do eu, além do outro* (1982). É a partir desse artigo de 1974 que a autora virá a marcar definitivamente território entre os autores brasileiros que recepcionaram com excelência a obra do poeta.

Como, na época, eu estava ligada ao grupo *Tel Quel* falei de Pessoa a Philippe Sollers, que se entusiasmou e me pediu um artigo para a revista. Assim, publiquei meu primeiro ensaio sobre Pessoa naquela revista, em 1974. O momento histórico também suscitava um súbito interesse por Portugal. Era ainda uma época de grande efervescência teórica e senti que a French Theory se prestava bem a interrogar a questão do sujeito-autor na obra de Pessoa.

¹⁰ Informações coletadas da página biográfica da pesquisadora no site do CNPq. Disponível em: http://memoria.cnpq.br/web/guest/pioneirasview/journal_content/56_INSTANCE_a6MO/10157/2136461

Desde então, nunca mais parei de escrever sobre ele, muitas vezes em francês: artigos em revistas e jornais, apresentações de livros, comunicações em colóquios.

(PERRONE-MOISÉS, in LOURENÇO, 2013: 197)

Segundo Leyla Perrone-Moisés, “todo trabalho sobre Fernando Pessoa é uma indagação sobre a identidade”. A autora afirma que “Pessoa ‘ele mesmo’ é um lugar vago, mas as questões levantadas pela *coterie* Pessoa são uma sobra” (PERRONE-MOISÉS, 1982: 33) E explica que o poeta se anulou como pessoa, estando “aquém do eu”; ficando “além do outro” ao imergir em uma experiência de alteridade radical, impossibilitado em alcançar a unidade.

Fernando Pessoa, aquém do eu, além do outro é dedicado à “memória de Adolfo Casais Monteiro” (1908-1972), de quem Leyla foi aluna na USP. Casais Monteiro, como tantos outros intelectuais opositores ao regime salazarista, refugiara-se no Brasil em 1954¹¹. Com o professor, a ensaísta diz ter aprendido aquilo que Pessoa traz como inovação à poesia portuguesa, tal qual nos afirma o crítico português:

a expressão intelectual de uma emoção, a troca dos vocabulários da emoção e da inteligência, uma nova linguagem, que já não era a da razão, nem a do sentimento, que aludia a um plano até aí ignorado pela nossa poesia, e – coisa de primacial importância – a voz mais musical que jamais nela se fizera ouvir.

(CASAIS MONTEIRO, in PERRONE-MOISÉS, 1982: 5)

Ainda que o primeiro texto de Leyla Perrone sobre Pessoa tenha sido publicado em 1974, é com o seu ensaio de 1982 que alça voos significativos na recepção da poesia de Fernando Pessoa. Leyla passeará pela obra pessoana, focalizando, sobretudo, a discussão acerca da autoria, analisando o processo de despersonalização do poeta, a ideia de sujeito como ficção, bem como estabelece de maneira aparentemente pioneira no Brasil o diálogo entre o poeta e pensadores alemães, nomeadamente Friedrich Nietzsche, Walter Benjamin, Georg Wilhelm Friedrich Hegel, Johann Wolfgang von Goethe, Martin Heidegger e Sigmund Freud (esse último, austríaco), sem com isso se afastar da escola barthesiana da qual fazia

¹¹ Walnice Nogueira Galvão em seu texto “De como Fernando pessoa chegou ao Brasil – I” (2016a), já mencionado nesse artigo, aponta, a respeito de Casais Monteiro, que “após exilar-se no Brasil, seria incansável em dar cursos nas universidades, cuidando da ressonância dessa obra entre os alunos de Letras. Estes, por sua vez, expandiam tal ressonância em suas próprias aulas em ginásios e colégios. Na Faculdade de Filosofia da Maria Antonia, onde então se diplomava a maioria deles, tornou-se moda circular sobraçando os volumes da *Ática*, reconhecíveis pelo cavallinho alado, sinal de que o portador era um dos iniciados. Casais Monteiro não seria o único, pois vários outros de seus concidadãos exilados eram como ele escritores e críticos, e passariam a trabalhar em nossas universidades. Outro exemplo é o grande intelectual Jorge de Sena, que escreveu sobre o poeta a vida inteira, além de editar algumas de suas obras e traduzir para o português, juntamente com Casais Monteiro, os 35 sonetos em inglês”.

parte, e da qual havia absorvido os fundamentos teóricos que sustentavam em grande parte a sua tarefa de leitora crítica de literatura.

Um mérito do ensaio perroneano reside no fato de que a autora utiliza como *corpus* quase toda a obra publicada de Pessoa até aquele momento, incluindo os poemas do ortônimo, dos heterônimos, os poemas dramáticos (em especial *Fausto*), os textos de estética, teoria e crítica, a epistolografia, os textos políticos, as obras em prosa, sem contar grande parte da fortuna crítica publicada sobre Pessoa.¹² Desenvolve ainda a relação entre o Zen-budismo e a poética pessoana, originalmente inferida por Benedito Nunes – outro grande leitor de do poeta no Brasil – em *O dorso do tigre* (1976).

Jacinto do Prado Coelho escreve uma apreciação a *Aquém do eu, além do outro* na revista *Colóquio Letras* (n.º 71, Janeiro de 1983), considerando o livro de Leyla:

[...] um dos poucos [...] indispensáveis para uma leitura produtiva (inteligente, sensível) de Fernando Pessoa. Mais: trata-se dum livro de grande sedução, pela originalidade dos pontos de vista, pela cultura viva, actual, que os determina e enforma, pela criatividade da própria escrita, onde sucedem ideias novas e juízos, muitos deles polémicos, em frases tensas, incisivas, vibráteis, com a permanente emoção da aventura em que poeta e leitor estão em jogo, em risco.

(COELHO, 1983: 61)

A crítica de Prado Coelho pode ser tomada, em linhas gerais, como elogio ao trabalho de Perrone-Moisés, o que aponta a importância do livro para os estudos pessoanos não apenas no Brasil, mas também em Portugal. À época, publicaram-se textos¹³ em referência ao livro, também tratando-o como contribuição fundamental à leitura da poética pessoana, como é o caso de “O Canto do signo”, de Bernardo Frey, que afirma que o livro de Leyla Perrone-Moisés percorre um “brilhante itinerário” pelas ciências humanas, passando “pelo que de mais rico [...] se criou no pensamento francês contemporâneo [...] uma tentativa de reinventar um caminho de regresso [...] o retorno de Pessoa” (FREY, 1983: 47).

¹² Entre as obras mencionadas por Leyla Perrone-Moisés em seu ensaio, figuram: de Fernando Pessoa: *Obra Poética*, introdução, organização e notas de Maria Aliete Galhoz, Rio de Janeiro: Aguilar, 2.ª ed., 1965; *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*, textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho, Lisboa: Ática, 1966; *Páginas de Estética, Teoria e Crítica Literárias*, textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho, Lisboa: Ática, 1967; *Sobre Portugal. Introdução ao problema nacional*, Lisboa: Ática, 1978; *Da República (1910-1935)*, Lisboa: Ática, 1979; *Ultimatum e Páginas de Sociologia Política*, Lisboa: Ática, 1980 – os últimos três organizados por Joel Serrão; *Cartas de Fernando Pessoa a Armando Côrtes-Rodrigues*, Lisboa: Confluência, 2.ª ed., 1960; e sobre Fernando Pessoa: Mário Sacramento, *Fernando Pessoa, poeta da hora absurda*, Porto: Ed. Inova, 1970; Eduardo Lourenço, *Pessoa Revisitado*, Porto: Ed. Inova, 1973; e Octavio Paz, *Signos em rotação*, São Paulo: Perspectiva, 1976.

¹³ No Brasil, por exemplo, Fernando Segolin publica uma análise do livro de Leyla no *Estado de S. Paulo*, em 28 de agosto de 1982.

Percebe-se um relativo silêncio de trinta anos em torno do texto da brasileira, até que, por ocasião do lançamento de *Le Sujet Éclaté* (2014), Eduardo Lourenço escreve o prefácio “De Pessoa como pura virtualidade” (2013), um texto que se inicia com uma dedicatória “sobre Leyla e para Leyla (e os meus amigos brasileiros)”, e que, mais uma vez, reconhece o valor que a produção da autora representa à recepção do poeta. Segundo Lourenço, a brasileira, “uma grande pessoana [...] é o exemplo mais fecundo e inovador” de uma nova geração de leitores de Fernando Pessoa pertencentes segundo ele a “uma segunda linha de combatentes da galáxia dos exegetas pessoanos” (LOURENÇO, 2013).¹⁴ Segue trecho do *fac-simile* do texto de Eduardo Lourenço, cedido à equipe editorial da *Pessoa-Plural* antes de sua definitiva publicação em 2014.

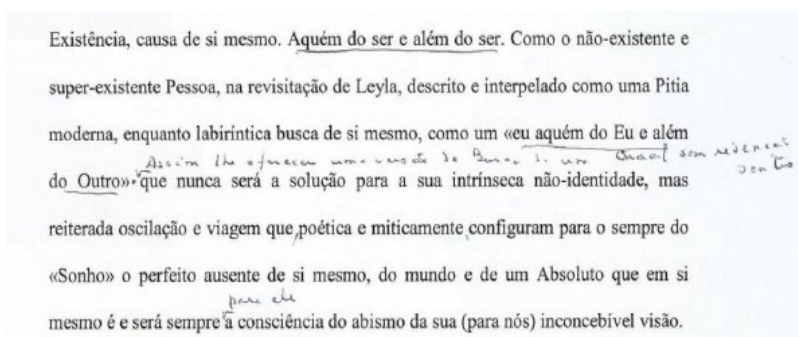


Fig. 15. “De Pessoa como Pura Virtualidade” (detalhe do *fac-simile*)

Em seu mais recente livro sobre o poeta, *Ler Pessoa* (2018), o crítico Jerónimo Pizarro apresenta três perspectivas críticas do que pode ser compreendidas como leituras seminais no universo dos estudos pessoanos, colocando lado-a-lado os textos de Perrone-Moisés, o texto de Jacinto do Prado Coelho *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa* (1949) e o texto de Teresa Rita Lopes *Pessoa por Conhecer* (1990). Segundo Pizarro, a interpretação de Jacinto do Prado Coelho aponta para uma unidade “implícita na diversidade das obras ortónimas e heterónimas” (PIZARRO, 2018: 12), e a existência de uma espinha dorsal, de uma personalidade una e inconfundível, protagonista de um drama total e “sol de um determinado universo” (PIZARRO, 2018: 12) num esforço em impedir fragmentação da capacidade criativa do poeta presente na constante inclinação à despersonalização. Ela, por outro lado, conclamando a tese barthesiana da morte do autor, aponta como Pessoa teve de anular o seu “eu”, tornar-se ninguém um não sujeito, um “vácuo-pessoa” para se multiplicar e dar vida aos seus “outros-eus”.

Percebe-se que a recepção de Perrone-Moisés via *Aquém do Eu...* teve uma considerável recepção no contexto dos estudos pessoanos, ainda que relativamente

¹⁴ Texto redigido para uma palestra que foi proferida em 29 de novembro de 2013, em ocasião da comemoração aos 125 anos do nascimento de Fernando Pessoa, Congresso promovido pela Casa Fernando Pessoa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lGkIZHWtR2Q&t=204s>

menor que a recepção de outros textos sobre o poeta, como os mencionados textos de Teresa Rita Lopes e de Jacinto do Prado Coelho. Mas não há silêncio maior da comunidade de leitores de Fernando Pessoa do aquele em torno da edição do *Livro do Desassossego*, na qual a autora foi responsável pela seleção e introdução.

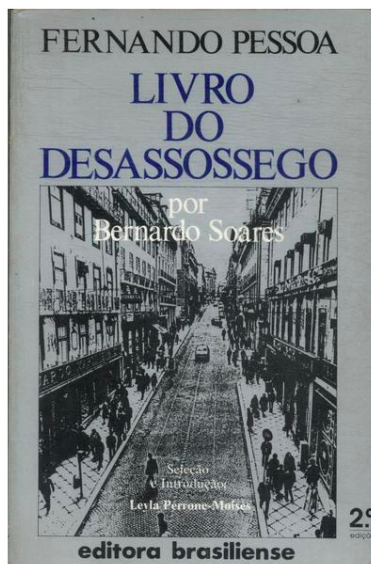


Fig. 16. *Livro do Desassossego*, 2.^a ed., 1987.

A brasileira parte da primeira edição do *Desassossego* (Ática, 1982) para fazer a seleção dos textos, que organiza sem preocupação de estabelecê-los a partir de um critério filológico, tampouco cronológico. Também não numera os excertos, prática comum tanto na edição de Jacinto do Prado Coelho, como nas edições posteriores. Perrone-Moisés parece se aproximar já àquela altura da ideia que moveu o investigador Manuel Portela, da Universidade de Coimbra, a projetar o arquivo do *Livro do Desassossego* em espaço virtual que contém os textos das quatro edições (<https://ldod.uc.pt>), e dentro do qual é possível a cada leitor assumir o papel de editor, organizando o seu próprio livro, que se um dia pudesse ser pensado como um projeto editorial impresso mais próximo de sua gênese, em hipótese poderíamos ter os fragmentos apresentados em folhas soltas, dentro de uma caixa, mimetizando – ainda que em dimensão muito mais compacta – a mítica arca, como propõe a organizadora em Introdução à sua edição brasileira: “Quanto ao *Livro do Desassossego*, podemos sonhar com uma edição em páginas soltas, como cartas de baralho, que poderiam ser lidas em infinitos arranjos” (PERRONE-MOISÉS, 1982: 12).

Leyla Perrone-Moisés é provavelmente a primeira brasileira a fazer uma revisão crítica à edição de Prado Coelho. O texto intitulado “O lixo/luxo de Bernardo Soares”, publicado originalmente na revista *Persona* (n.º 8, março de 1983), já demonstra o tato refinado na recepção do *Desassossego*. Chama à atenção no texto o levantamento de questões problemáticas envolvendo a edição de um material tão fragmentário, apresentando um inventário de textos críticos prévios sobre o “livro”.

Elenca a organizadora da edição as dificuldades de transcrição, de ordenação e de autoria de praticamente todo o acervo pessoano, sugerindo que no caso do *Livro do Desassossego* – o que praticamente na mesma medida aconteceu também com as edições dos seus Faustos – o que vai definir a organização da edição, para além de todos os aspectos mencionados, é a escolha do editor: “É fascinante saber que o *Livro do Desassossego*, coerente com seu título, será para sempre uma obra em mutação” (PERRONE-MOISÉS, 1982: 12), chegando ao veredito, alguns anos mais tarde, de que “O verdadeiro e definitivo *Livro do desassossego* nunca existiu, e não existirá jamais” (PERRONE-MOISÉS, in PIZARRO, 2016: 12).

Uma das ideias que chama à atenção na sua leitura de Pessoa diz respeito à natureza de Bernardo Soares, e à sua diferença em relação ao Pessoa ortônimo e aos demais heterônimos. A autora procede com um raciocínio matemático quando afirma que “por certas características de personalidade e de temática, o ajudante de guarda-livros é uma espécie de soma de todos os outros, menos alguma coisa de cada um dos outros” (PERRONE-MOISÉS, 1982: 15), raciocínio que poderia ser transformado em uma equação: $X = FPH$.¹⁵

Para além dos inúmeros aspectos “autorais” da edição da brasileira, destaco o tratamento da divisão dos capítulos, divididos em capítulos temáticos, 1. Autobiografia sem fatos; 2. Lisboa, meu lar!; 3. A ficção de mim mesmo; 4. O sonho tem grandes cinemas; 5. Viagem nunca feita; 6. O amante visual; 7. Dizer! Saber dizer! A partir dessa divisão, Leyla prepara uma edição cujo objetivo fundamental é a fruição do leitor, tendo tornado o texto “mais limpo e mais leve” e, ao selecionar os fragmentos de sua preferência, acaba

[...] eliminando aqueles que parecem mais visivelmente inacabados (demasiadamente truncados ou hesitantes), os que soam repetitivos com relação a outros formalmente mais felizes e aqueles discrepantes, por seu estilo datado, daquilo que se configura no conjunto, como a prosa maior de Bernardo Soares. Enfim, coloquei o *Livro do Desassossego* do modo como eu gostaria de o reler. [...] No tratamento gráfico do texto, optei pela maior legibilidade. Tendo em vista o público a que se destina esta edição, foi feita a transcrição dos textos para a ortografia moderna e brasileira.

(PERRONE-MOISÉS, 1982: 37)

A edição de Leyla Perrone-Moisés se pretende, de acordo com as palavras da mesma, “incompleta e decididamente não científica”, não se oferecendo como uma edição “para especialistas ou estudiosos da obra de Pessoa” (PERRONE-MOISÉS 1982: 35). A preocupação da especialista era justamente com a recepção do poeta por um público não acostumado às edições críticas, que geralmente trazem uma gama mais ampla e qualitativa de informações acerca dos fragmentos, como datação, as notas e

¹⁵ Onde, FP = Fernando Pessoa sujeito poético; H = conjunto dos heterônimos; X = Conjunto Bernardo Soares; H' = Conjunto dos heterônimos (menos algo); FP' = Fernando Pessoa sujeito poético (menos algo); FPH' = Conjunto modificado resultante da intersecção de H' + FP' + X.

as variantes portuguesas. Diferentemente de seu ensaio sobre o poeta, que contou com uma significativa recepção por parte da crítica especializada, a sua edição do *Desassossego* parece ter sido de certa maneira esquecida nos últimos trinta anos, o que de maneira alguma descredencia o mérito da mesma, uma edição esgotada desde a sua 2.^a edição, em 1987.

Considerações à guisa de conclusão

O presente estudo consistiu em um apenas recorte da variada e multifacetada recepção de Fernando Pessoa no Brasil, e ainda assim, como se pode perceber, há inúmeras lacunas a serem futuramente preenchidas como, por exemplo, o cotejo e posterior análise das edições dos poemas de Álvaro de Campos, a partir da querela gerada pela publicação da primeira edição crítica; uma reflexão mais aprofundada sobre a escolha dos poemas que figuram na coletânea de Cecília Meireles, na segunda-tese e nas antologias organizadas por Cleonice Berardinelli, bem como uma abordagem da sua edição dos textos em prosa; o estabelecimento de um diálogo interrelacional entre as comentadoras da obra poética pessoana aqui apresentadas; uma abordagem da edição do *Livro do Desassossego* de Leyla Perrone-Moisés de um ponto de vista mais técnico, em cotejo com as demais edições, o que nos levaria à reflexão em torno de aspectos didáticos que orbitam em torno do processo de leitura do livro.

Reitera-se a dívida deste contributo para com a interminável plêiade de autores brasileiros que dedicaram parte de sua atividade de investigadores, ensaístas e críticos a obra de Fernando Pessoa. Dentre estes não poderia deixar de citar importantes nomes que têm contribuído nos últimos trinta anos para com a continuidade da recepção poeta português no Brasil: *Fernando Pessoa: o espelho e a esfinge* (1988), de Massaud Moisés; *Sob o ramo da bétula: Fernando Pessoa e o erotismo vitoriano* (1989), de Yara Frateschi Vieira; *Fernando Pessoa: poesia, transgressão, utopia* (1992), de Fernando Segolin; *O constelado Fernando Pessoa* (1976) e *Labirintos de um livro à beira-mágoa – “Mensagem” de Fernando Pessoa* (1999), de José Clécio Basílio Quesado; *O poema & as máscaras: microestrutura e macroestrutura na poesia de Fernando Pessoa* (1999), de Carlos Felipe Moisés; *Potência e negatividade na poesia de Fernando Pessoa* (2011), de Lélia Parreira Duarte; *Fernando Pessoa: uma quase autobiografia* (2011), de José Paulo Cavalcanti Filho; *Fernando Pessoa: meditações na estrada* (2015), de Alfredo Antunes; a coletânea *Em Pessoa: estudos sobre a poesia e a prosa de Fernando Pessoa* (2018), organizada por Edvaldo Bergamo e Sandra Ferreira; e *Fernando Pessoa & Cia. não heterônima* (2019), também uma coletânea, esta organizada por Caio Gagliardi.

É natural que as referidas dívidas ecoem durante a leitura deste texto, tamanha a presença do poeta no Brasil durante esses praticamente 80 anos de recepção de Pessoa. Sabe-se do risco de encontrarmos hiatos quando do tratamento

do tema no Estado da Questão e no breve panorama apresentado sobre a recente fortuna crítica brasileira em torno de Fernando Pessoa. Todavia, esse artigo configura-se como um apenas contributo a tão amplo tema, ratificando que a maior preocupação deste estudo foi, além de sintetizar algumas apreciações sobre a recepção de Fernando Pessoa no Brasil, colocar em evidência a leitura dessas três mulheres que, em tempos históricos diferentes e em perspectivas que ao mesmo tempo em que se distanciam, complementam-se, receberam com olhar singular e plural a obra de Fernando Pessoa no Brasil.

Nesse sentido, Cecília Meireles representa a leitora-poeta, mulher que de maneira inaugural não apenas nos apresentou Pessoa, mas sintetizou ideias-chave de sua poética e de sua personalidade singular dentre os “novos poetas de Portugal”, adiantando-nos aspectos da heteronimismo a partir de sua leitura da epistolografia, com o olhar lírico que cabe a uma poeta de sua envergadura. Cleonice Berardinelli representa a leitora-pesquisadora, mulher que assumiu o epíteto de pessoana pelo rigor filológico e estilístico aplicado à sua atividade de investigadora em torno do poeta, indo fundo na tarefa de tornar, desde 1958, o poeta conhecido nas cadeiras universitárias brasileiras, mas também arriscando-se na atividade labiríntica e vertiginosa de exegeta dos papéis da arca, sendo a primeira e única brasileira a assinar uma edição crítica da obra do poeta. Leyla Perrone-Moisés, encerra a tríade representando a leitora-ensaísta, mulher que, com espírito crítico e astúcia filosófica na leitura do poeta, soube conciliar o rigor da análise com a beleza de uma escrita que apresenta a problemática do sujeito em Fernando Pessoa com elegância e riqueza intelectual ímpares. Soma-se a isso, a coragem em preparar uma edição do *Livro do Desassossego*, usando como principais critérios a sua paixão pelo poeta, primando pela generosidade em entregar ao leitor não especializado uma versão palatável dos angustiantes e desesperadores textos do livro-fragmento.

Bibliografia

- ANDRADE, Carlos Drummond de (1981). *Pipoqueiro da esquina*. Rio de Janeiro: Codecri.
- ANTUNES, Alfredo. (2015). *Fernando Pessoa: meditações na estrada*. Recife: Academia Pernambucana de Letras.
- _____. (1983). *Saudade e profetismo em Fernando Pessoa. Elementos para uma Antropologia filosófica*. Braga: Faculdade de Filosofia.
- BÉLKIOR, Silva (1983). *Fontes latinas de Fernando Pessoa e correções ao texto das Odes de Ricardo Reis*. Rio de Janeiro: C.B.A.G.
- _____. (1982). *Horácio e Fernando Pessoa: o amor as mulheres e os poemas eróticos censurados*. Rio de Janeiro: C.B.A.G.
- BERARDINELLI, Cleonice (2007) "O magistério da Literatura Portuguesa." In BUENO *et al.*, *Literatura Portuguesa*. São Paulo: Alameda, pp. 147-156.
- _____. (2005). "Minha edição dos Poemas de Álvaro de Campos". *Légua & Meia: Revista de Literatura e Diversidade Cultural*, vol. 4, n.º 3, Feira de Santana, UFFS, pp. 7-26.
- _____. (2004). *Fernando Pessoa: outra vez de revejo*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores.
- _____. (1993). "Consertando desconcertos." *Defesa da edição crítica de Fernando Pessoa*. Lisboa: [INCM], pp. 9-33.
- _____. (1987). "Há uma relação íntima entre Cleonice Berardinelli e o eng.º Álvaro de Campos". *Jornal de Letras e Ideias*, n.º 266, 8 Out., pp. 92-96 [Entrevista concedida a Alberto Júlio Silva].
- _____. (1986). "Prefácio." In VV.AA, *Estudos sobre Fernando Pessoa*, Rio de Janeiro: Fundação Cultural Brasil-Portugal, p. 7.
- _____. (1969a). "Antero de Quental e Fernando Pessoa – uma tentativa de aproximação". *Cadernos da PUC-RJ*, n.º 1, Série Letras e Artes, "Estudos sobre Fernando Pessoa", pp. 33-39.
- _____. (1969b). "Ideais Estéticos". *Cadernos da PUC-RJ*, n.º 1, Série Letras e Artes, "Estudos sobre Fernando Pessoa", pp. 21- 28.
- _____. (1969c). "Mensagem". *Cadernos da PUC-RJ*, n.º 1, Série Letras e Artes, "Estudos sobre Fernando Pessoa", pp. 29- 32.
- _____. (1969d). "O Eu Profundo". *Cadernos da PUC-RJ*, n.º 1, Série Letras e Artes, "Estudos sobre Fernando Pessoa", pp. 5- 14.
- _____. (1969e). "Os Vários Eus". *Cadernos da PUC-RJ*, n.º 1, Série Letras e Artes, "Estudos sobre Fernando Pessoa", pp. 15- 20.
- _____. (1960). "A presença da ausência em Fernando Pessoa" [separata]. *Ocidente*, vol. LIX, pp. 309-377.
- _____. (1959). "Observações sobre a língua poética de Fernando Pessoa". *Ibérida*, n.º 1, pp. 101-114.
- _____. (1958). *Poesia e poética de Fernando Pessoa*. Tese de livre-docência defendida na Universidade do Brasil (hoje UFRJ) em 12/1958.
- BERNARDES, Diana (1969) "Alberto Caeiro. Subsídios para um estudo estilístico da sintaxe em seus poemas". *Cadernos da PUC-RJ*, n.º 1, Série Letras e Artes, "Estudos sobre Fernando Pessoa", pp. 41-60.
- BERGAMO, Edvaldo; FERREIRA, Sandra [orgs.] (2018). *Em Pessoa: estudos sobre a poesia e a prosa de Fernando Pessoa*. Brasília: Editora UnB.
- BLANCO, José (2016). "Cleonice: pessoana centenária. Uma bibliografia". In G. Santos & P. M. Oliveira (Eds.), *Genuína Fazendeira: Os frutíferos 100 anos de Cleonice Berardinelli* (pp. 401-422). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.
- _____. (2008). *Pessoana*, vol. I., *Bibliografia passiva, selectiva e temática referida a 31 de dezembro de 2004*. Lisboa: Assírio & Alvim.

- BRAGANÇA, Gustavo (2011). "O Desafio de editar Pessoa: Entrevista com Jerónimo Pizarro". *Revista Escrita*. Revista dos Alunos da Pós-Graduação em Letras da PUC-Rio, n.º 13, Rio de Janeiro, pp. 1-13.
- CARA, Salette de Almeida (1988). *Fernando Pessoa: Um detetive-leitor e muitas pistas*. São Paulo: Editora Brasileira.
- CASAIIS MONTEIRO, Adolfo (1938). "O exemplo de Fernando Pessoa". *Boletim de Ariel*, ano VII, n.º 7, Rio de Janeiro, Abr., p. 215. (transcrito do *Diário de Lisboa* de 9 Dez. 1937).
- CAVALCANTE FILHO, José Paulo (2011). *Fernando Pessoa: uma quase autobiografia*. Rio de Janeiro: Record.
- COELHO, Jacinto do Prado (1983). "O 'Fernando Pessoa' de Leyla Perrone-Moisés ou a recuperação do ego suprimido [crítica a *Fernando Pessoa, alguém do eu, além do outro*, de Leyla Perrone-Moisés]". *Colóquio/Letras*, n.º 71, Jan., pp. 61-66.
- _____. (1963). *Diversidade e unidade em Fernando Pessoa*. Lisboa: Editorial Verbo. 2.ª ed. refundida e acrescentada.
- CORREIA DIAS, Fernando (1914). "Exposição de Caricaturas no Salão da Ilustração Portuguesa". *Ilustração Portuguesa*, 2.ª série, n.º 419, 2 Mar., p. 285.
- DUARTE, José Afrânio Moreira. *Fernando Pessoa e os caminhos da solidão*. Rio de Janeiro: José Olympio. 2.ª ed.
- DUARTE, Lélia Parreira (2011). *Potência e negatividade na poesia de Fernando Pessoa*. Belo Horizonte: Veredas e Cenários.
- FONSECA, Edson Nery da (1985). *Três poetas brasileiros apaixonados por Fernando Pessoa*. Textos de Cecília Meireles, Murilo Mendes e Lúcio Cardoso. Recife: Fundação Joaquim Nabuco.
- FREY, Bernardo (1983). "'O canto do signo' de Leyla Perrone-Moisés ou a recuperação do ego suprimido [Recensão crítica de *Fernando Pessoa, alguém do eu, além do outro*, de Leyla Perrone-Moisés]". *Persona*, n.º 8, Porto, C.E.P., Mar., pp. 47-49.
- GAGLIARDI, Caio (2019). *Fernando Pessoa & Cia. não heterônima*. São Paulo: Editora Mundaréu.
- GALVÃO, Walnice Nogueira (2016a). "De como Fernando Pessoa chegou ao Brasil – I". GGN. *O Jornal de Todos os Brasis*, 27 Mar. <https://jornalggn.com.br/literatura/de-como-fernando-pessoa-chegou-ao-brasil-i-por-walnice-nogueira-galvao-0/>
- _____. (2016b). "De como Fernando Pessoa chegou ao Brasil – II". In. GGN. *O Jornal de Todos os Brasis*, 12 Abr. <https://jornalggn.com.br/artigos/de-como-fernando-pessoa-chegou-ao-brasil-ii-por-walnice-nogueira-galvao/>
- GOMES, Álvaro Cardoso (1987). *Fernando Pessoa: as muitas águas de um rio*. São Paulo: Livraria Pioneira.
- LEADBEATER, C.W. (1915). *Compendio de Theosophia*. Tradução de Fernando Pessoa. Lisboa: Livraria Clássica Editora. Coleção Theosophica e Esoterica.
- _____. (1916). *A Clarividência*. Tradução de Fernando Pessoa. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1916. Coleção Theosophica e Esoterica.
- LINHARES FILHO, José (1982). *A "outra coisa" na poesia de Fernando Pessoa*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará / PROEDI.
- LOPES, Teresa Rita (1992). "A crítica da edição crítica". *Colóquio/Letras*, n.º 125/126, Jul., pp. 199-218.
- LOURENÇO, Eduardo (2013). "De Pessoa como pura virtualidade", In *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 4, Fall, pp. 196-201. <https://doi.org/10.7301/Z0FB51FP>
- _____. (1993). "A fortuna crítica de Pessoa". *Fernando, rei da nossa Baviera*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 7-20. Datado 28 Nov. 1984.
- MEIRELES, Cecília (1944). *Poetas Novos de Portugal*. Rio de Janeiro: Editora Dois Mundos.
- MENDES, Murilo (1944). "Fernando Pessoa". *A Manhã*, ano IV, n.º 984, Rio de Janeiro, 22 Out., p. 4.
- MOISÉS, Carlos Felipe (1999). *O poema & as máscaras: microestrutura e macroestrutura na poesia de Fernando Pessoa*. Florianópolis: Letras Contemporâneas. 2.ª ed.
- MOISÉS, Massaud (1988). *Fernando Pessoa: o espelho e a esfinge*. São Paulo: Cultrix.

- NEVES, João Alves das (1992). *As relações literárias de Portugal com o Brasil*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. Biblioteca Breve.
- _____. (1985-1986) (org.). *Revista Comunidades de Língua Portuguesa. Estudos sobre Fernando Pessoa no Brasil*, 2.^a série, n.º 6-7, São Paulo.
- NUNES, Benedito (1976). *O dorso do tigre*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- PESSOA, Fernando (2018). *Fausto*. Edição de Carlos Pittella, com a colaboração de Filipa de Freitas. Lisboa: Tinta-da-china (col. "Pessoa").
- _____. (2013a). *Eu sou uma antologia: 136 autores fictícios*. Edição de Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari. Lisboa: Tinta-da-china (col. "Pessoa").
- _____. (2013b). *Livro do desassossego*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Tinta-da-china (col. "Pessoa").
- _____. (2008). *Livro do desassossego*. Edição de Teresa Sobral Cunha. Lisboa: Relógio D'Água.
- _____. (1998). *Livro do desassossego*. Edição de Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim.
- _____. (1992). *Poemas de Álvaro de Campos*. Edição Crítica de Fernando Pessoa. Série Menor. Edição de Cleonice Berardinelli. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- _____. (1990). *Poemas de Álvaro de Campos*. Edição Crítica de Fernando Pessoa. Série Maior, Vol. II. Edição de Cleonice Berardinelli. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- _____. (1986a). *Livro do desassossego*. Introdução e seleção de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Brasiliense.
- _____. (1986b). *Primeiro Fausto*. Organização e introdução de Duílio Colombini. São Paulo: Epopéia.
- _____. (1982). *Livro do Desassossego por Bernardo Soares*. Recolha e transcrição dos textos, Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha. Prefácio e organização, Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática.
- _____. (1934). *Mensagem*. Lisboa: Parceria António Augusto Pereira.
- _____. (1926). "Mar Português", in *Leitura para Todos*. Rio de Janeiro, Jun.
- _____. (1912). "A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada" e "A Nova Poesia Portuguesa no seu aspecto Psychologico", in *A Águia*, vol. 1, 2.^a série, n.º 4. Porto. <http://purl.pt/12152>
- PERRONE-MOISÉS, Leyla (2014). *Pessoa, Le Sujet Éclaté*. Paris: Petra.
- _____. (2000). *Inútil poesia*. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (1983). "O lixo-luxo de Bernardo Soares". In. *Persona* n.º 8, Porto, C.E.P., março, pp. 28-32.
- _____. (1962). "Reflexões sobre os prêmios", Suplemento Literário da *Folha de S.Paulo*, ano XLII, nº 11.990, 14 Abr., São Paulo, p. 9.
- _____. (1982). *Fernando Pessoa, alguém do eu, além do outro*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora.
- _____. (1974). "Pessoa personne?". *Tel Quel*, n.º 60, Paris, Inverno, pp. 86-104.
- PINTO DE CASTRO, Aníbal (2002). "Cleonice, Mestra da Universidade Luso-Brasileira". In I. Margato (Org.), *Figuras da Lusofonia – Cleonice Berardinelli* (pp. 18-26). Lisboa: Instituto Camões.
- PIZARRO, Jerónimo (2018). *Ler Pessoa*. Lisboa: Tinta-da-china (col. "Pessoa").
- _____. (2016). "Os muitos Desassossegos". *Revista do CESP*, vol. 36, n.º 55, Belo Horizonte, pp. 11-27.
- PIZARRO, Jerónimo; FERRARI, Patricio; CARDIELLO, Antonio (2010). *A biblioteca particular de Fernando Pessoa / Fernando Pessoa's Private Library*. Alfragide: D. Quixote.
- PIZARRO, Jerónimo; SOUSA, Rui (2019). "A coleção pessoana de Santo Tirso". *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 15, Fall, pp. 178-382. <https://doi.org/10.26300/ya99-dq40>
- PITTELLA, Carlos (2016). "A segunda tese: a importância da tese inédita de Cleonice Berardinelli para os estudos pessoanos." In G. Santos & P. M. Oliveira (Eds.), *Genuína Fazendeira: Os frutíferos 100 anos de Cleonice Berardinelli* (pp. 157-171). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.
- PORTELA, Manuel; SILVA, António Rito [orgs.] (2017). *LdoD Archive / Arquivo LdoD / Archivo LdoD* [collaborative digital archive of the Book of Disquiet by Fernando Pessoa.] Centre for Portuguese Literature at the University of Coimbra (CLP). <https://ldod.uc.pt/>

- QUESADO, José Clécio Basílio (1999). *Labirintos de um livro à beira-mágoa – “Mensagem” de Fernando Pessoa*. Rio de Janeiro: Elon Editora.
- ____ (1976). *O constelado Fernando Pessoa*. Rio de Janeiro: Imago Editora Lda. Série Logoteca. Direção de Jayme Salomão.
- ROSA, Pradelino (1969). *Uma interpretação de Fernando Pessoa*. Porto Alegre: Edições da Faculdade de Filosofia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- SANTOS, Gilda; OLIVEIRA, Paulo Mota [eds.] (2016). *Genuína fazendeira: Os frutíferos 100 anos de Cleonice Berardinelli*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.
- SARAIVA, Arnaldo (2015). *A entrada de Fernando Pessoa no Brasil*. Porto: [Orgal Impressores]. Design: João Machado. Coleção folhetos, 1.
- ____ (2012). *Correia Dias. Esquecido e inesquecível artista de Portugal e do Brasil*. Lamego: Câmara Municipal de Lamego / Douro Alliance.
- ____ (1986). *O modernismo brasileiro e o modernismo português: subsídios para o seu estudo e para a história das suas relações*. Porto: [s.n.] [Vila Nova de Gaia : -- Rocha Artes Gráficas].
- ____ (1969). “Fernando Pessoa e o Brasil”. *Jornal do Brasil (Suplemento Caderno B)*, ano LXXIX, n.º 220, 20 Dez., p. 2.
- SEGOLIN, Fernando (1992). *Fernando Pessoa: poesia, transgressão, utopia*. São Paulo: EDUC.
- SPAREMBERGER, Alfeu (2012). “Notas sobre a presença de Fernando Pessoa no Brasil”. *Revista de Letras*, n.º 15, Curitiba, UTFPR. <https://periodicos.utfpr.edu.br/rl/article/view/2317>
- SILVA, Alberto Júlio (2016). “Entrevista [concedida por Cleonice Berardinelli] ao JL. Há uma íntima relação entre Cleonice Berardinelli e o eng. Álvaro de Campos”. In G. Santos & P. M. Oliveira (Eds.), *Genuína Fazendeira: Os frutíferos 100 anos de Cleonice Berardinelli* (pp. 86-101). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.
- SILVEIRA, Tasso da (1944) “Poetas novos de Portugal”. *Diário de Notícias*, n.º 6642, 18 Jun., Rio de Janeiro, Terceira Seção, p. 1.
- SEVERINO, Alexandrino Eusébio (1981), IN COTA FERNANDES, Francisco. “Fernando Pessoa e Cecília Meireles: A Poetização da Infância”. *Persona* n.º 5, Porto, C.E.P., Abr., pp. 15-22.
- VIEIRA, Yara Frateschi (1989). *Sob o ramo da bétula: Fernando Pessoa e o erotismo vitoriano*. Campinas: Editora da UNICAMP.

RODRIGO XAVIER é professor do Setor de Literatura Portuguesa do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e pesquisador da Cátedra Jorge de Sena para Estudos Luso-Afro-Brasileiros. É doutor em Letras pela PUC-Rio, com estágio pós-doutoral pela Universidade Federal Fluminense (UFF) em Estudos Literários (2013) e pela Universidade de Chicago em Estudos Germânicos (Fulbright Visiting Scholar 2015-2016). É membro da MLA (Modern Language Association), tendo especial interesse de investigação em crítica textual e nas relações entre a literatura e outras áreas, com enfoque na poesia e no teatro português.

RODRIGO XAVIER is a professor of Portuguese Literature in the Department of Vernacular Letters at the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ), and a researcher of the Jorge de Sena Chair of Luso-Afro-Brazilian Studies. He holds a Ph.D. in Literature from PUC-Rio, with postdoctoral internships in Literary Studies at the Federal Fluminense University (2013) and in Germanic Studies at the University of Chicago (Fulbright Visiting Scholar 2015-2016). He is a member of the Modern Language Association (MLA), having a special research interest in textual criticism and in the relationships between literature and other fields of knowledge, with special focus on Portuguese poetry and drama.